

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA PONTE

NOVAS PERSPECTIVAS ARQUITECTÓNICAS

MÓNICA GINJA Licenciada em História, variante de Arqueologia pela FLUC

ANTÓNIO GINJA Licenciado em História e Arqueologia pela FLUC

RESUMO Em Novembro de 2008 iniciámos uma série de duas intervenções arqueológicas no Convento de São Francisco da Ponte (Coimbra), realizadas no âmbito de obras de requalificação do edifício. A arquitectura do edifício de São Francisco da Ponte permanecia até então por estudar, sendo totalmente desconhecido o seu processo construtivo. Iniciámos assim um exaustivo estudo arqueológico da arquitectura, trazendo à luz novas e inesperadas perspectivas arquitectónicas do edifício.

PALAVRAS-CHAVE Convento de São Francisco da Ponte, Coimbra, pátio e varanda interiores, capela, chaminés, torre sineira, claustro principal

SÍNTESE HISTÓRICA

O actual Convento de São Francisco da Ponte (Santa Clara, Coimbra), fundado no século XVII, deve o seu nome ao seu congénere medieval, que se encontrava junto à antiga ponte afonsina da cidade, à qual deve a sua denominação, e que desapareceu sob as areias do rio Mondego (Santos, 1997).

Seria D. Manuel I a, em 1506, autorizar a mudança dos franciscanos, embora uma série de convulsões políticas e religiosas tenham protelado o arranque das obras até 1602. Crê-se que a obra tenha ficado concluída ainda na primeira metade do século XVII (Santos, 1997).

A partir de finais do século XVIII o Convento de São Francisco da Ponte entrou em declínio e, com as invasões francesas, foi ocupado pelas tropas napoleónicas (Santos, 1997). Na sequência da extinção das ordens religiosas, o convento foi, em 1842, vendido em hasta pública, e, em 1854, a sua igreja passaria a albergar a sede da recém criada freguesia de Santa Clara (Gonçalves, 1994).

À semelhança do que sucedeu em várias casas monásticas nacionais, também em São Francisco da Ponte, a partir de 1884, laboraram algumas unidades fabris, como um armazém de vinhos, uma fábrica de massas e uma fábrica de lanifícios (Santos, 1997). Iniciava-se então um enorme processo de descaracterização do espaço monástico, função das novas necessidades pragmáticas destas indústrias.

Em 1986, a Câmara Municipal de Coimbra adquiriu o imóvel aos seus proprietários, entretanto falidos, promovendo a partir daí a recuperação estrutural e a requalificação funcional do mesmo (Lopes, 1998).

METODOLOGIA

Permanecendo, até à data do início dos trabalhos, por realizar um estudo da arquitectura do Convento de São Francisco da Ponte, tornava-se imperativo realizar uma análise do edifício, que compreendesse todo o edificado à cota positiva e negativa. Para tal realizámos a leitura das relações estratigráficas parietais de todo o edifício e a escavação de vinte e cinco sondagens de diagnóstico.

Uma vez que o edifício de São Francisco da Ponte apresenta uma enorme complexidade arquitectónica, resultante das diferentes fases de ocupação do espaço (pré-conventual, conventual e industrial), da grande quantidade de compartimentos e da diversidade tipológica dos métodos e dos elementos arquitectónicos empregues, optámos então por seccionar o edifício em quatro alas (Este, Sul, Norte e Oeste) e três pisos (0, 1 e 2).

Deste estudo ficou excluída, por motivos a que somos alheios, a igreja de São Francisco da Ponte.

O EDIFÍCIO

São Francisco da Ponte ergue-se por três pisos construídos em patamares, solução que permitiu vencer a inclinação do terreno em que se implanta, o Monte da Esperança. Por este motivo o piso 0 desenvolve-se ao longo da ala Este e de parte das alas Norte e Sul, ao passo que a ala Oeste consta dos pisos 1 e 2 mas não do piso 0.

A fachada principal, orientada para nascente, é constituída pelo alçado principal da igreja ao qual anexa um corpo composto por três pisos, a ala Este. Desta, por

sua vez, arrancam a ala Sul e a ala Norte, cerradas a poente pela ala Oeste.

As quatro alas definem entre si um claustro de planta quadrangular, constituído por quatro galerias distribuídas por dois pisos, o inferior ritmado por arcaria de sete arcos abatidos, o superior com *loggia* de sete colunas de tipo toscano, ladeada por dois pares de sacadas.

O edifício reflecte a tendência do estilo Chão, pela aplicação da pedra enquanto elemento construtivo, responsável tanto por definir os limites das paredes, caiadas de branco, como por salientar os vãos, ou ainda por estabelecer a hierarquização dos espaços, através da proporção entre a importância destes e a quantidade de cantarias neles empregue.

OS IMPACTES DA OCUPAÇÃO INDUSTRIAL

A ocupação industrial de São Francisco da Ponte acarretou vastas alterações estruturais ao edifício. Novos vãos foram abertos, ao passo que outros de origem conventual foram emparedados. Novas abóbadas foram erguidas, e abóbadas antigas foram integralmente desmontadas. Novas paredes foram construídas, dividindo espaços, e paredes completas foram demolidas, anulando por completo certos compartimentos.

Os três pisos da ala Este eram, em período conventual, ocupados pelas celas que compunham os dormitórios. Destas, apenas algumas subsistem no piso 0, tendo as restantes sido completamente desmontadas. Nos pisos 1 e 2, estas acções resultaram em amplas galerias, cuja iluminação foi maximizada pela abertura de chanfros rasgados em todas as ombreiras das janelas exteriores.

A ala Oeste é maioritariamente ocupada por três compartimentos de duplo pé-direito. Dois destes compartimentos albergavam, em período conventual, o refeitório e a cozinha, separados por um terceiro compartimento, de função discutível (eventualmente um *de profundis* ou uma pataria). Cozinha e *de profundis*/pataria foram profusamente alterados, sofrendo demolições de paredes e da chaminé, abertura de vários vãos em arco, transformação de um nicho em vão de passagem, e criação de um novo piso, aproveitando o duplo pé-direito do espaço.

Ao centro da ala Sul, as escadas de um trânsito foram remodeladas, passando a cobrir uma nova conduta industrial. A poente deste trânsito existiria em período conventual um pátio interno aberto a Sul, servido de varanda. Este espaço foi, durante o período industrial, enclausurado através da edificação de uma parede externa e da criação de um piso de circulação sustentado por novas abóbadas de arestas e de berço.

UMA CONSTRUÇÃO FASEADA

Para além da preexistência de dois edifícios, que antecedem cronologicamente a edificação do convento de São Francisco da Ponte, a construção do cenóbio propriamente dita ocorreu de forma faseada, conforme denunciaram os diversos cunhais e outras evidências parietais, constatados ao longo do presente estudo.

Fase I: Ala Este

Edificação dos três pisos da ala Este. Do encosto entre a parede poente desta ala e a nova parede adossada na fase II, resultou um alinhamento, visível a partir da ala Norte, ao nível dos pisos 0, 1 e 2.

Fase II: Ala Norte até ao trânsito da porta do carro

Conclusão do extremo Norte da ala Este, resultando no alinhamento referido na fase I, e da ala Norte até ao trânsito da porta do carro. Desta fase resultou um cunhal visível no extremo Sudeste deste trânsito, ao nível dos pisos 1 e 2.

Fase III: Ala Sul até ao trânsito de acesso ao 'logradouro'

Construção da ala Sul até ao trânsito claustro - 'logradouro', resultou num cunhal no extremo Nordeste deste trânsito, visível ao nível de ambos os pisos 1 e 2. Uma vez que não foram detectadas evidências capazes de apontar para uma distinção cronológica entre a fase I e fase III, não podemos afirmar contundentemente que as duas tenham sido executadas separada ou simultaneamente, o mesmo podendo dizer-se das fases II e III.

Fase IV: Ala Norte até ao refeitório

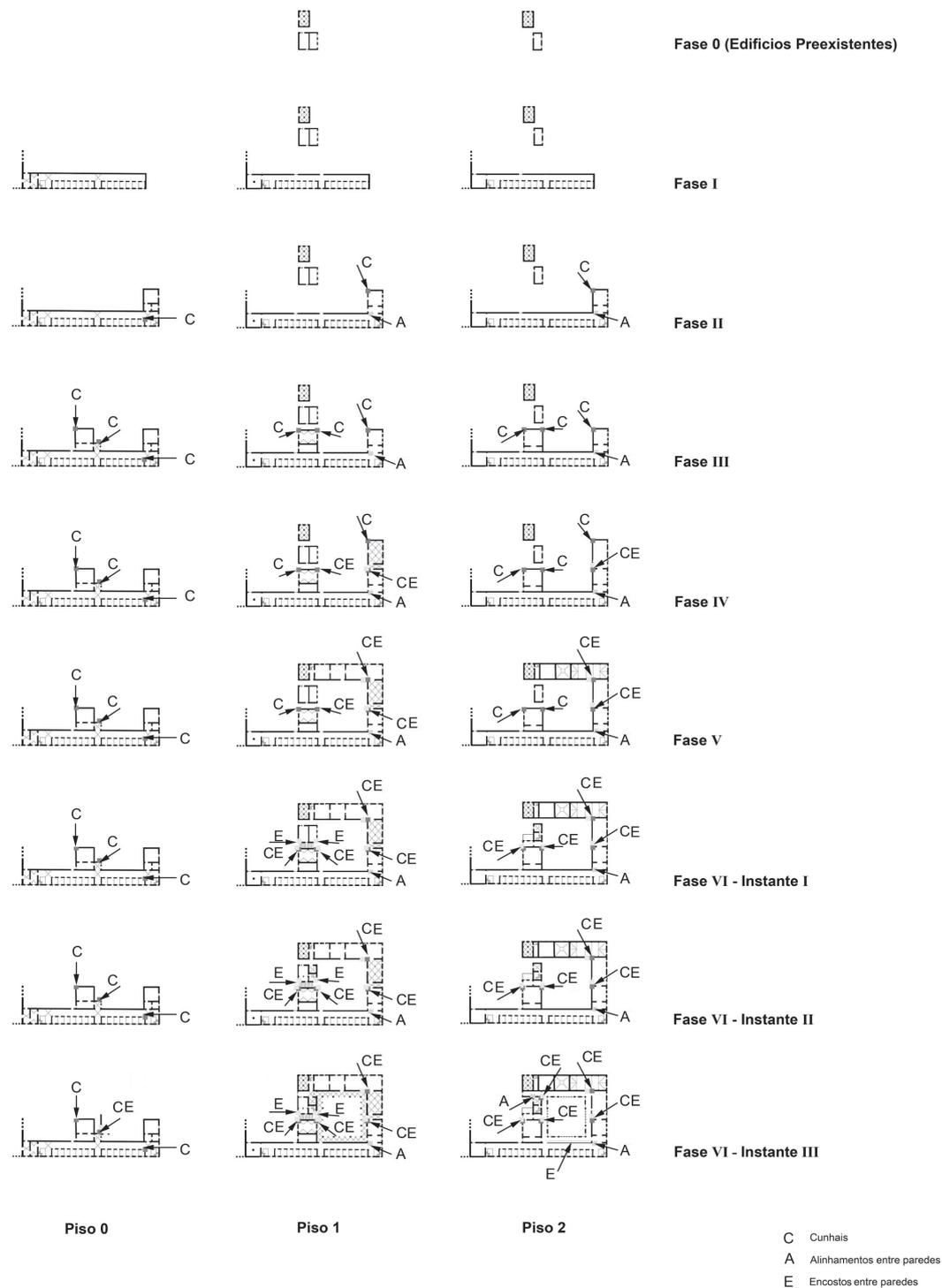
Conclusão da ala Norte, resultando um encosto entre as novas paredes e o cunhal resultante da fase II. De igual forma, resultou da fase IV novo cunhal, visível na parede nascente do refeitório.

Fase V: Ala Oeste

Construção da ala Oeste até ao edifício preexistente, que desta forma passou a integrar a mesma ala. Esperamos que toda a ala tenha sido erguida de uma vez só, dado que não foram detectadas evidências que testemunhem uma construção faseada.

Fase VI: União das alas Sul e Oeste e edificação do claustro

Anexação à ala Sul dos edifícios preexistentes, por seu turno unidos entre si, e edificação do claustro de serviço. Não ficou claro que estas acções tenham ocorrido em simultâneo ou isoladamente, motivo pelo qual apresentamos as diferentes acções construtivas em instantes distintos.



1. Fases construtivas do Convento de São Francisco, decorridas em período conventual, salvo corpo da igreja, não incluído no presente estudo.

- Instante I: anexação do edifício preexistente da ala Sul à restante ala Sul, denunciada pelo encosto entre os arcos do trânsito claustro - 'logradouro' ao cunhal resultante da fase III, assim como à parede nascente do edifício preexistente.
- Instante II: remodelação do edifício preexistente da ala Sul, da qual resultou nova compartimentação, denunciada pelos emparedamentos dos vãos abertos na parede Norte deste edifício.
- Instante III: união dos edifícios preexistentes e construção

do claustro. A união entre os dois edifícios pre-existent resultou num cunhal técnica e materialmente semelhante aos aplicados no claustro, denunciando uma cronologia aproximada entre a referida união e a construção do claustro. A edificação do claustro implicou a construção de uma parede adossada ao exterior da parede poente da ala Este. A parede adossada testemunha a individualização do instante construtivo do claustro.



2. Vista geral sobre a fachada nascente do Convento de São Francisco da Ponte.

OS EDIFÍCIOS PREEXISTENTES

Séculos antes da ocupação industrial ter desferido sobre o edifício conventual enormes impactes, já a edificação do Convento de São Francisco da Ponte teria provocado os seus próprios impactes sobre estruturas que o precediam no local, resultando na total assimilação de dois edifícios preexistentes.

Um dos edifícios preexistentes seria constituído pelos dois compartimentos sobrepostos que ocupam o extremo Sul da ala Oeste. Para além de obrigarem à criação de trânsitos de acesso pouco práticos, ambos os compartimentos apresentavam uma arquitectura singular, com coberturas em abóbadas de arestas apoiadas em colunas facetadas, de estilo consideravelmente obsoleto aquando da data de fundação deste cenóbio. Por outro lado, a parede Sul destes compartimentos encontrava-se avançada relativamente ao restante alçado Sul do edifício, ao passo que a parede Oeste se encontrava desalinhada relativamente ao restante alçado Oeste do edifício, estabelecendo com este um ângulo obtuso.

Outro edifício preexistente foi integrado sensivelmente ao centro ala Sul. Na parede que limitaria a Sul este edifício abria-se uma janela de avental, vãos habitualmente projectados para comunicar com o exterior. Por outro lado, os vãos abertos nas paredes que a poente e a nascente limitariam este edifício terão sido projectados para abrir para espaços exteriores, passando posteriormente a confrontar com espaços conventuais fechados. Também a parede Norte deste edifício exibia quatro vãos de janela, emparedados ainda em época conventual, desarticulados com os compartimentos internos, sugerindo que a compartimentação interior não é original. É espectável que o espaço interior do edifício preexistente tenha sido reorganizado de acordo com as novas necessidades conventuais, surgidas aquando da sua anexação ao restante edifício.

No edifício preexistente da ala Sul são várias as relações parietais que testemunham o momento da sua anexação ao restante cenóbio, como exposto mais adiante. Um documento de 1600 refere uma 'carreira de casas' (Santos, 1997, p. 19) nesta propriedade, embora nada garanta que se referisse aos edifícios preexistentes agora detectados.

A CIRCULAÇÃO NO CLAUSTRO AO NÍVEL DO PISO 0

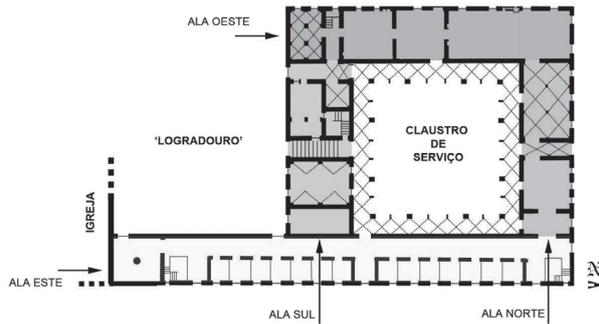
À época industrial o piso de circulação do pátio claustro foi profundamente alterado pela edificação de uma cisterna de armazenamento de combustível, uma fornalha de aquecimento, uma caldeira de nafta e várias condutas, estruturas que anularam uma área de circulação que, à época conventual, se desenvolveria ao nível do piso 0.

Desmontadas algumas destas estruturas na área Sudeste do claustro expusemos, entre dois pilares de sustentação à arcaria do piso 1, um lajeado servido por dois degraus resguardados por um murete. Estas estruturas, de origem conventual, comprovam a circulação ao nível do piso 0, nesta área do claustro, à época conventual, dando acesso ao trânsito dormitórios – sala do capítulo (piso 0), que de resto possui vãos de janela e de porta abertos para esta área.

Às galerias claustrais do piso 1, sobrepostas pelas varandas do piso 2, soma-se agora uma área de circulação ao nível do piso 0.

UM PÁTIO E UMA VARANDA CONVENTUAL DESAPARECIDOS

A existência de um pátio interno aberto ao centro da ala Sul foi denunciada por negativos de telhado, cuja pendente se fazia para o interior da sua anulada área.



3. As alas convencionadas para São Francisco da Ponte, admitindo-se pequenas variações de acordo com o piso.



4. Vista geral sobre o pátio, fechado em período industrial por nova parede, à esquerda. Perspectiva nascente, sobre a varanda detectada.



5. Vista geral sobre o canto Sudeste do claustro (piso 0). Perspectiva norte. À esquerda: vãos abertos para o trânsito dormitórios – sala do capítulo, ao centro: pilar 1, no topo à direita: piso 1 da galeria Sul do claustro.

Paralelamente, detectámos duas janelas de avental, ambas abrindo no sentido deste local. A análise do alçado exterior meridional desta ala revelaria entretanto a edificação ulterior da parede que fechou este pátio, até então aberto para Sul.

A determinada altura do período conventual, este pátio foi segmentado ao nível do piso térreo, através da edificação de um novo compartimento, coberto por abóbada de berço, ao qual se acedia, a partir da restante área do pátio, através de dois vãos em arco. Os arcos, confinados a um espaço preexistente, praticamente anulavam um vão de janela anterior.

Sobre a cobertura do novo compartimento desenvolvia-se um piso lajeado, com ligeiro desnível no sentido do pátio e servido por gárgula constituída por quatro 'meias-canas' de tubos em grés, abrindo igualmente no sentido do pátio interno.

Não restavam pois dúvidas de que à época conventual se erguia ao centro da ala Sul uma varanda, aberta para Sul/Oeste e escoando as suas águas para o interior de um pátio interno.

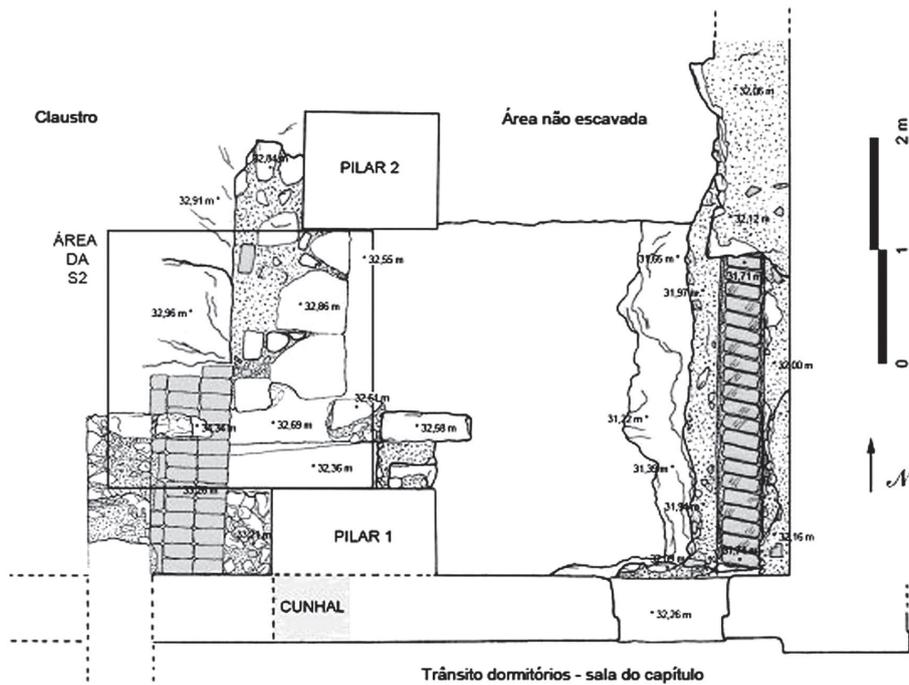
A documentação pesquisada, maioritariamente constituída pelos inventários realizados aquando da extinção das ordens religiosas, sugere a localização da enfermaria a nascente deste pátio, do qual se encontraria separada apenas por um trânsito. Uma varanda aberta para um espaço relativamente abrigado, orientada para Sul/Oeste, poderia precisamente ter sido projectada em articulação com a enfermaria, enquanto espaço fundamental para a convalescença de doentes e para o descanso dos mais idosos.

O CLAUSTRO PRINCIPAL

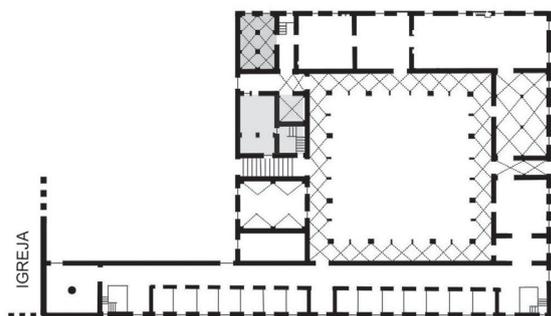
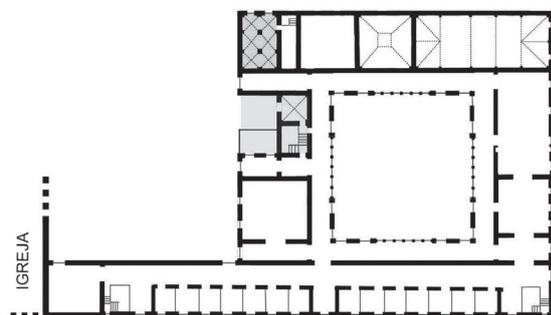
Por serem várias e distintas as funções a que um claustro se destinava, muitos edifícios religiosos edificaram dois ou mais claustros. Nos edifícios que incluem dois claustros, o primeiro, ou claustro principal, articula-se com compartimentos de maior nobreza, como a igreja, a sacristia e a sala do capítulo, ao passo que o segundo, ou claustro de serviço, congrega os espaços mais práticos, como as oficinas, a adega ou a despensa. No caso do Convento de São Francisco da Ponte, apenas um claustro se encontra erguido, articulando-se com espaços de natureza mais pragmática, como sejam a porta do carro, a adega, a cozinha, etc.

No entanto, julgamos que um segundo claustro, o claustro principal, terá sido projectado para a área definida entre a igreja e as alas Este e Sul deste edifício, um espaço equivalente em dimensão à área ocupada pelo claustro de serviço, e que se articula com diversos espaços nobres, como a igreja, a casa do capítulo, a biblioteca e a sacristia.

Nos três pisos dos dormitórios abrem-se vãos de janela em sacada orientados para esta área, podendo ter sido projectados para que fossem posteriormente convertidos em portas, articuladas, nesse caso, com um claustro de três galerias sobrepostas. Também no piso 2 da



6. Registo gráfico dos degraus, piso lajeado e murete conventuais, detectados no canto Sudeste do claustro (sondagem 2), assim como das paredes, pilares e conduta com que se relacionavam.



- Edifício preexistente extremo Sul ala Oeste
- Edifício preexistente ala Sul

7. Localização dos edifícios preexistentes nas plantas do edifício conventual: piso 1, em baixo, e piso 2, em cima.

ala Sul existiriam dois trânsitos que terminavam em vãos de janela abertos para esta área, não tendo, à época conventual, qualquer outra direcção. É provável que tenham sido projectados para unir o claustro de serviço ao claustro principal, mediante a conversão daquelas janelas em pontos de passagem. Um destes trânsitos, completamente anulado durante o período industrial, é denunciado apenas pelos negativos da sua cobertura em abóbada de berço abatida.

Apesar das evidências, acreditamos que o claustro principal não terá sido erguido. A área em causa foi, no decurso das nossas intervenções, sujeita a rebaixamento da sua cota de circulação até ao afloramento rochoso. Não foram detectadas estruturas, elementos arquitectónicos ou outras evidências consistentes com qualquer construção conventual neste espaço. Apesar do vasto impacte industrial, julgamos improvável que a edificação de um claustro principal, a acontecer, não tenha deixado qualquer tipo de vestígio.

REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS CONSTRUTIVOS

Na construção do Convento de São Francisco da Ponte foi utilizada grande quantidade de materiais construtivos em contexto de reaproveitamento, maioritariamente cantarias, denunciadas pela sua cor branca, pelos vestígios de pintura a cal (do local de origem), presentes por vezes nas faces voltadas para o interior dos

aparelhos, e pela forma cuidada com que se apresentam talhadas, contrariando a forma aleatória com que foram aplicadas.

Entre os casos mais evidentes contam-se um lintel em cantaria, de estilo manuelino e em posição invertida, detectado na caixa de visita da latrina (ala Norte) e uma peça em cantaria esculpida com motivos vegetalistas, cuja face decorada se encontrava voltada para o interior da parede, servindo de ombreira a um vão de janela da ala Sul.

A reutilização de materiais é ainda evidenciada por cantarias e silhares que exibem marcas de canteiro, um tipo de marcação que estaria já em desuso aquando da época de construção deste edifício.

Desconhecemos a proveniência destes elementos mas, embora não existem provas materiais ou documentais, não excluimos a possibilidade de provirem do primitivo São Francisco da Ponte, dada a imensa quantidade de materiais construtivos que a ruína do antigo convento disponibilizaria.

A COBERTURA DA ADEGA

A adega conventual, localizada no piso 1 da ala Norte (Santos, 1997, p. 53 e anexos), junto ao refeitório, encontrava-se coberta pela laje em betão que sustentava o piso superior, uma estrutura criada em empreitada anterior à nossa intervenção. Detectámos, no entanto, negativos das seis abóbadas que cobriram outrora este espaço, bem como das dez impostas embutidas nas paredes laterais, em que se apoiariam.

O refeitório comunicava com a adega através de um vão de passagem em arco, aberto na sua parede poente. O arco foi emparedado no decurso da presente intervenção, preterido em favor de um vão de origem industrial, aberto do refeitório para o claustro.

AS DUAS CHAMINÉS DETECTADAS

Através de uma prospecção realizada à cobertura do edifício foram detectadas duas chaminés de origem conventual, até então desconhecidas. Ambas se encontravam entulhadas e desmontadas ao nível dos compartimentos que eventualmente serviam, não subsistindo mais do que os tramos que se localizariam sobre os antigos telhados conventuais, há muito substituídos. A primeira chaminé foi detectada sobre a parede poente do compartimento que é apontado nos inventários de 1834 como a enfermaria conventual. Habitualmente, as enfermarias monásticas dispunham de cozinha própria, já que os alimentos servidos obedeciam a critérios distintos dos aplicados à restante comunidade. Como tal, é provável que a chaminé em causa tenha servido a cozinha da enfermaria conventual.



8. Vista geral sobre compartimento superior do edifício preexistente no extremo Sul da ala Oeste.



9. Alçado Sul da antiga torre sineira, em primeiro plano. Ao fundo, a igreja de São Francisco da Ponte.



10. Vista geral sobre o 'logradouro', local projectado para albergar o claustro principal. Perspectiva poente. Ala Este ao fundo, ala Sul à esquerda, igreja à direita.

A segunda chaminé encontrava-se alinhada com a parede poente do compartimento que os inventários de 1834 apontam como a amassaria conventual, um

espaço destinado à confecção de pão, sendo provável que a chaminé agora detectada tenha servido o antigo forno de cozedura do pão conventual.

UMA ANTIGA TORRE SINEIRA

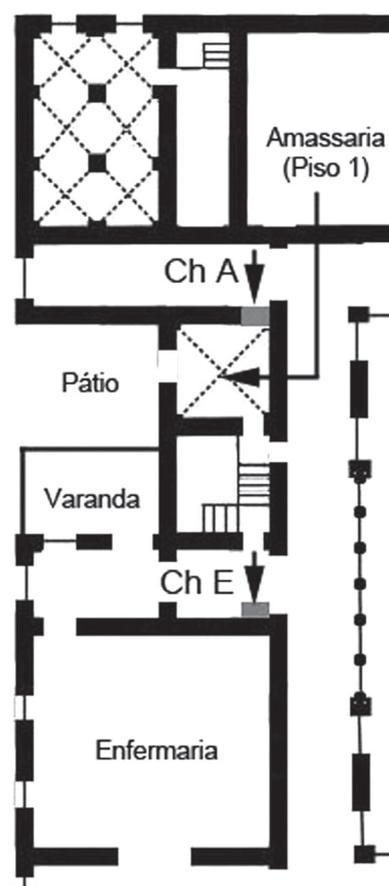
A Sul da igreja de São Francisco da Ponte detectámos uma torre de formato rectangular com cerca de seis metros de altura. No topo do seu alçado principal abriam-se dois vãos de arco de volta perfeita, assim como em ambos os alçados laterais, onde se abriam, respectivamente, um vão semelhante. No alçado Sul abria-se ainda um vão de passagem servido de escada, parcialmente esculpida na rocha. Toda a estrutura se encontrava construída em alvenaria de pedras, salvo a parede posterior, que aproveitava o paredão de rocha natural do Monte da Esperança.

Segundo fontes orais, esta estrutura corresponderia a uma antiga torre sineira, albergando um sino em cada arco.

A HIPOTÉTICA CAPELA DO TRÂNSITO DORMITÓRIOS – SALA DO CAPÍTULO

Ao centro da ala dos dormitórios abre-se, ao nível do piso 0, um trânsito que une os dormitórios à sala do capítulo. A poente, o compartimento era limitado por uma parede de cronologia industrial que ocultava uma anterior, de origem conventual. Desmontada a primeira, constatámos que na parede conventual se abria um vão de ombreiras rebocadas e caiadas apenas até metade da sua profundidade, sugerindo que à restante metade adossasse alguma estrutura, entretanto desaparecida. De igual forma, eram evidentes, ao nível do solo, os negativos deixados na argamassa pela ablação de algum género de peças.

Ponderámos a possibilidade de se tratar de um vão de passagem servido de escadas, que unisse os pisos 0 e 1, já que nesta direcção o desnível do terreno obrigaria



11. Excerto da área Sul/Sudoeste da planta do piso 2, com localização da chaminé da amassaria (Ch A) e da chaminé da enfermaria (Ch E).

à criação de uma escadaria. Não obstante, para que tal acontecesse, seria necessário admitirmos uma interrupção na circulação da galeria Sul do claustro. Considerámos então a possibilidade de o vão detectado ter em tempos albergado um oratório, entretanto já desaparecido. A ser verdade, o trânsito em análise poderá ter albergado uma capela, um local de transição entre o espaço mundano dos dormitórios e o espaço nobre da sala do capítulo.

BIBLIOGRAFIA

CANAS, J. F. (2003) – Santa Clara-a-Nova: reabilitação e diagnóstico. *Monumentos*. 18. Lisboa.
 GONÇALVES, A. (1994) – *Santa Clara - Freguesia da margem esquerda do Mondego*. Coimbra.
 LOPES, F. F. (1997) – *A Ordem Franciscana na História e Cultura Portuguesa*. Colectânea de Estudos de História e Literatura. Vol. II. Academia Portuguesa da História. Lisboa.

LOPES, S. D. (1998) – *Convento de S. Francisco da Ponte. Valor da Arte Coimbrã*. GACC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra.
 SANTOS, P. (1997) – *O Convento de São Francisco da Ponte*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra. Coimbra.